

FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

# FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

**238**

INSCRIÇÕES 822-824



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2022

ISSN 0870-2004

*FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.*

*Todos os volumes estão disponíveis no endereço [http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos\\_index/ficheiro](http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro).*

*Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.*

*Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.*

*José d'Encarnação | CEAACP*

Toda a colaboração deve ser dirigida a:  
[fe.revista@uc.pt](mailto:fe.revista@uc.pt)

Ficheiro Epigráfico | Instituto de Arqueologia | Palácio de Sub-Ripas  
Rua de Sub-Ripas 3000-395 COIMBRA | PORTUGAL

*A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:*



ÁRULA VOTIVA DO CASTRO DE GOUJOIM  
(ARMAMAR)

Árula votiva romana, de granito, proveniente do Castro de Goujoim, União de Freguesias de Arícera e Goujoim, concelho de Armamar, distrito de Viseu. Está na posse do pároco local, o Reverendo Padre Artur Mergulhão, a quem agradecemos a gentileza de nos haver facilitado o estudo.

Apresenta algumas fraturas, faltando-lhe a parte inferior.

Dimensões (em centímetros): altura do monumento – 34,5; espessura – 14,5-16; largura do capitel: 21.

Fóculo bem delineado, onde, certamente por utilização posterior, se cravou pequeno elemento metálico (?); súpero, de formato losangular, com os quatro vértices ‘ligados’ aos toros laterais cilíndricos e lisos e aos fastígios vagamente triangulares das faces anterior e posterior (FIG. 1). Um pormenor decorativo de algum requinte que faz suspeitar ter sido, na origem, um bonito exemplar de que seguramente a divindade de boamente se agraciou.

A árula está, aliás, moldurada e alisada nas quatro faces, a indiciar que deveria ser vista de todos os lados (FIG. 2). Ranhura côncava efectuada com grossa separa o capitel da moldura, que é de faixa saliente seguida de toro entre duas ranhuras côncavas. Intacta a face lateral esquerda, mantendo

as arestas, ainda que esborcinadas devido aos maus tratos que foi sofrendo; mais maltratada a da direita.

Restam duas linhas, gravadas na face anterior; também elas sofreram bastante desgaste (FIG. 3). Poderia ter havido, eventualmente, mais linhas, que a fractura fez desaparecer.

De facto, o que se lê pode provocar, à primeira vista, alguma perplexidade, pelo seu carácter singular, não obstante o facto de, como árula, se destinar a ser depositada, juntamente com outras, no local de culto ou – mais provavelmente – no *lararium* familiar.

Na l. 1, o traço oblíquo para a direita afigura-se-nos ser o que resta da letra V. Segue-se A, possivelmente com barra horizontal; CO lê-se sem dificuldade.

Na l. 2, alicia-nos interpretar a fórmula dedicatória, na medida em que o V é claro, o S se reconstitui sem grande hesitação, assim como a haste vertical subsistente se nos afigura ser de um L. Faltaria A(*nimo*), a colocar no início da linha; está, porém, aí tudo tão delído que não se ousa propor reconstituição. Ou seja, a sugestão mostra-se-nos evidente: V(*otum*) S(*olvit*) L(*ibens*).

E de quem partiu a iniciativa do ex-voto? Apecece comparar com as velas que, na actualidade, se alumiam diante dos ícones sagrados ou das imagens dos santos: são anónimas; o santo sabe quem foi!

Aqui, porém, não só não se sabe quem foi, como também nos poderia suscitar dúvidas o nome da divindade: apenas VACO, em dativo, a apontar para um estranho nominativo *Vacus*?

Ora, justamente na área de Viseu temos o testemunho da divindade indígena COSEI VACOAICO, designação aproximável de VACO CABVRIO e VAGO DONNAEGO. Será, pois, uma divindade indígena, aqui sem epíteto. Blanca María Prósper, que refere os teónimos citados,<sup>1</sup> relaciona-os com a cidade romana de *Vacca* e o nome do rio Vouga, «documentado en la Antigüedad como *Vacua*».

---

<sup>1</sup> PRÓSPER (Blanca María), *Lenguas y Religiones Prerromanas del Occidente de la Península Ibérica*, Ediciones Universidad [Acta Salmanticensia. Estudios Filológicos 295], Salamanca, 2002, p. 230-232.

Trata-se, por conseguinte, da designação romana da divindade que superintendia às propriedades fertilizadoras do rio Vouga, que nasce aqui perto, na Lapa, concelho de Sernancelhe – é o que se propõe.

Lê-se:

VACO / [...?] V(*otum*) S(*olvit*) L(*ibens*)

*A Vaco – cumpriu o voto de livre vontade.*

Altura das letras: l. 1: 4/4,5; l. 2: 4.

A regularidade paleográfica (O bem redondo, A simétrico, C em meia circunferência) aponta para estarmos perante um monumento do século I da nossa era.

José d'ENCARNAÇÃO<sup>2</sup>  
JOSÉ CARLOS SANTOS

---

<sup>2</sup> Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património.



1



2

823



3

823